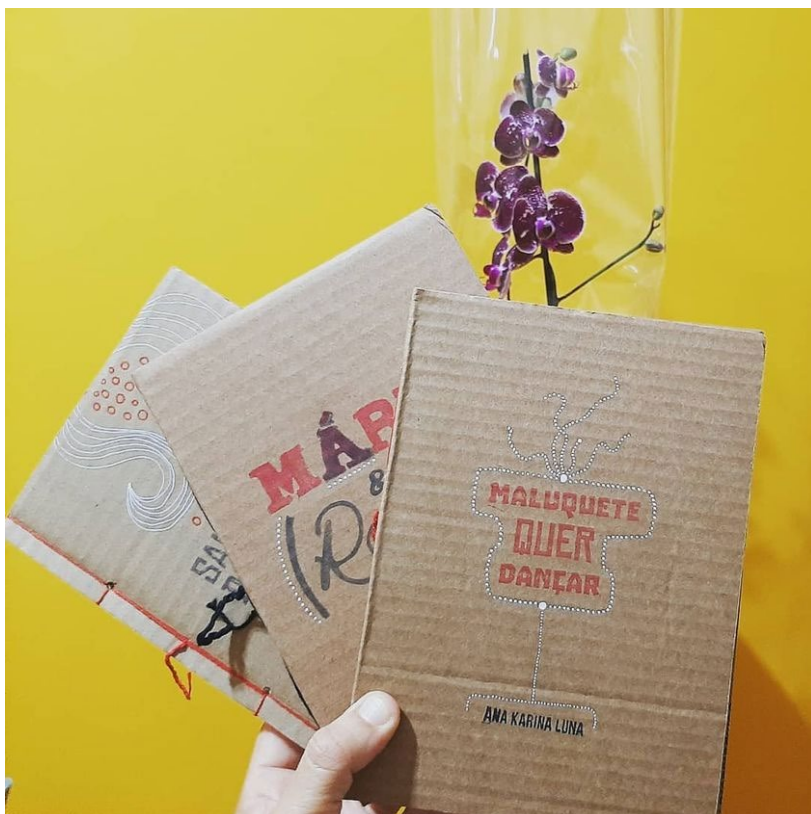


UMA ESCRITORA QUE JUSTIFICA A CRIAÇÃO DE UMA EDITORA

Ary Pimentel

Professor de literatura hispano-americana na graduação, mestrado e doutorado na Faculdade de Letras da UFRJ. Na graduação e na pós-graduação trabalha com temas relacionados à alteridade, subalternidade e territórios periféricos, em particular com vozes de mulheres negras. É o fundador da [Ganesha Cartonera](#).

29 Maio 29, 2021



Às vezes, uma obra justifica a criação de uma editora. Nos anos recentes, isso aconteceu duas vezes em São Paulo. Aconteceu também no Nordeste brasileiro. Foi em Alagoas que surgiu a editora Lua Negra Cartonera, resultante da agência de uma autora que se apropria das estratégias editoriais para publicar suas próprias obras.

Esse exemplo de empoderamento que se manifesta como ato de assunção de voz remete a uma ressignificação do feminino idealizado sob a forma do puro, do alvo, do angelical. Seria, também, uma recuperação da figuração do libertário, do lado rebelde e insubordinado que habita o imaginário ocidental. A inversão de sentido do paradigma tradicionalmente associado à mulher como forma de dominação e controle (a grande Alfonsina Stoni já levantava a sua voz, há mais de um século: “*Tú me quieres alba,/ Me quieres de espumas,/ Me quieres de nácar./ Que sea azucena/ Sobre todas, casta./ De perfume tenue./ Corola cerrada.*”) deriva numa espécie de Lilith bíblica, ligada à liberdade radical,

demônio noturno que se contrapõe às forças hegemônicas e desperta produtivos questionamentos.

Como vemos, o nome da editora expressa uma transformação do campo literário e editorial observada nos últimos tempos com a emergência de novas vozes-mulheres. Com isso, elementos que ocupavam um paradigma negativos (a cor escura, a figura do anjo do mal, as figurações do feminino e a ideia de impureza) passam a atuar conceitualmente no campo da positividade.

O feminino, como contraponto do angelical e também como variante de Lilith, ressignifica saberes não legitimados e imagens estereotipadas do passado, como a da bruxa medieval, passando a identificar-se ao próprio campo da produção artística.

Isso é o que encontramos na obra de Ana Karina Luna que agora chega às minhas mãos sob a forma de três belíssimos exemplares artesanais:

- “Saindo da Piscina de Éter” (Maceió, Lua Negra Cartonera, 2017)
- “Maluquete Quer Dançar” (Maceió, Lua Negra Cartonera, 2019)
- “Mário (& Rosina)” (Maceió, Lua Negra Cartonera, 2020)

O design das capas e as encadernações confeccionadas com papelão reciclado são um caso à parte e mereceriam uma resenha especial só pra falar da expressão artística que deriva do trabalho das mãos da própria escritora.

Dicção potente. Projeto editorial super necessário. Obras que trazem os sinais de um novo tempo. Regalitos muito especiais.

Gracias!!! Visite a página: <https://www.editoraluanegra.com>